

# PESQUISA-AÇÃO: UMA ABORDAGEM PRÁTICA DE PESQUISA QUALITATIVA

## Research-action: a practical approach to qualitative research

Giovana Camila Garcia Corrêa – UFSCar/Sorocaba\*  
Isabel Cristina Pires de Campos – UFSCar/Sorocaba\*\*  
Ricardo Campanha Almagro – UFSCar/Sorocaba\*\*\*

**Resumo:** O propósito do presente texto é discutir a pesquisa-ação, seus fundamentos, sua estrutura e sua aplicabilidade no campo social, como estratégia de investigação, interpretação, participação e transformação da realidade no âmbito da abordagem qualitativa. Trata-se de uma pesquisa exploratória de caráter bibliográfico sob o olhar qualitativo. A pesquisa-ação se caracteriza pelo e no relacionamento de dois tipos de objetivos: o objetivo prático e o objetivo de conhecimento. O objetivo prático é voltado para o levantamento de soluções e possibilidades de ações relacionadas ao objeto de estudo. O objetivo de conhecimento é a obtenção de informações e a ampliação de conhecimento no campo da ciência. A partir de Michel Thiollent (1986) e Tripp (2005) como referências centrais, reconhece-se a pesquisa-ação como estratégia necessária à área educacional, visto à sua dimensão e possibilidade de interlocução com os atores sociais.

**Palavras-chave:** Pesquisa-ação. Michel Thiollent. Pesquisa qualitativa.

**Abstract:** The purpose of this text is to discuss the research-action, its foundations, its structure and its applicability in the social field, as a strategy of research, interpretation, participation and transformation of reality within the framework of the qualitative approach. It is an exploratory research of bibliographic character from the standpoint of the qualitative approach. The research-action is characterized by (and in the) relationship of two types of objectives: the practical objective and the objective of knowledge. The practical objective focused on surveying solutions and possibilities of actions related to the object of study. The objective of knowledge is to obtain information and broaden knowledge in the field of science. From Michel Thiollent (1986) and Tripp (2005) as central references, we recognize the research-action as a necessary strategy for the educational area, given its size and possibility of interlocution with the social actors.

**Keywords:** Research-action. Michel Thiollent. Qualitative research.

### INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo discutir a metodologia da pesquisa-ação no âmbito do contexto social, sua concepção, princípios e objetivos, aplicação e as implicações e/ou contribuições para análise da realidade social. Para tanto nos pautaremos em dois teóricos principais: Thiollent (1986) e Tripp (2005), visto serem alguns dos representantes de textos que trazem luz sobre a discussão acerca da Pesquisa-ação. A metodologia da pesquisa-ação segundo Thiollent (1986):

---

\* Aluna Especial de Curso de Pós-Graduação stricto sensu - Mestrado em Educação pela Universidade de São Carlos – Campus Sorocaba. Pós-graduada em Psicopedagogia pela Universidade Castelo Branco /RJ e em Docência e Pesquisa no Ensino Superior pela Universidade Metropolitana de Santos. Graduada em Pedagogia pela Universidade de Sorocaba e em Letras Português/Inglês pela Universidade Metropolitana de Santos. E-mail: [giovana\\_cgc@yahoo.com.br](mailto:giovana_cgc@yahoo.com.br).

\*\*Aluna Especial de Curso de Pós-Graduação stricto sensu - Mestrado em Educação pela Universidade de São Carlos – Campus Sorocaba. Pós-graduada em Gestão Educacional pela Universidade Estadual de Campinas e em Gestão da Rede Pública para Supervisores pela Universidade de São Paulo. Graduada em Pedagogia e em Educação Artística pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Tatuí. E-mail: [belcrispc@gmail.com](mailto:belcrispc@gmail.com).

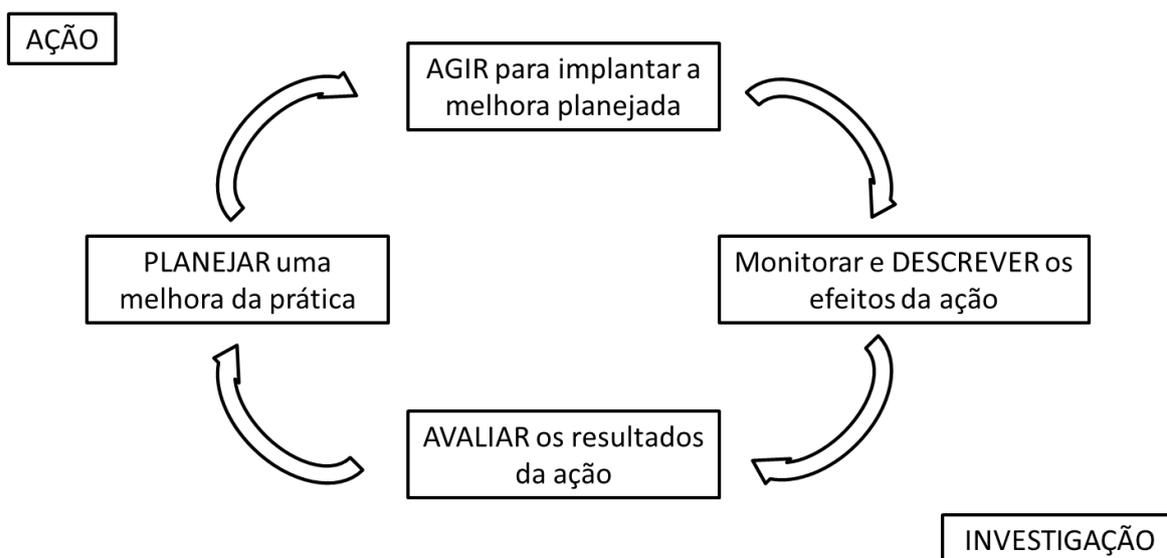
\*\*\* Aluno Especial do Curso de Pós-Graduação stricto sensu - Mestrado em Educação e graduando de Licenciatura em Matemática pela Universidade Federal de São Carlos, Campus Sorocaba. Graduado em Engenharia Mecânica pela Faculdade de Engenharia de Sorocaba (FACENS). E-mail: [ralmagro86@gmail.com](mailto:ralmagro86@gmail.com).

[...] é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (p.14)

Tendo como base a pesquisa empírica, a pesquisa-ação leva em consideração a descrição de situações concretas por meio de observações e ações em meios sociais, sem, contudo, desprezar a pesquisa teórica, sem a qual não teria sentido. Lembrando que, por ser uma pesquisa qualitativa, a pesquisa-ação conferirá aos dados obtidos e observados sempre um caráter descritivo e rico em significados, considerando contexto/ambiente natural em que se desenvolve a investigação. Para ser qualificada como uma pesquisa-ação, há que se ter uma ação por parte das pessoas implicadas no processo investigativo (pesquisadores, equipe e respondentes), ação esta que não seja para resolver problemas triviais, mas sim, considerados relevantes no escopo social e que, portanto, requeira uma investigação mais elaborada.

A pesquisa-ação entendida como investigação-ação, segundo Tripp “[...] é um termo genérico para qualquer processo que siga um ciclo no qual se aprimora a prática pela oscilação sistemática entre agir no campo da prática e investigar a respeito dela.” (TRIPP, 2005, p.445). A figura abaixo exemplifica melhor o conceito de investigação-ação, mostrando o movimento cíclico no qual, cada etapa se desenvolve a partir da identificação do problema, realizando-se o planejamento da ação, no sentido de se buscar uma solução, sua implementação, seu monitoramento, descrevendo-se efeitos e resultados e, por fim, a avaliação de sua eficácia ou não.

Figura 1 - Movimento cíclico da investigação-ação



Fonte: Tripp (2005, p. 446)

Existem diversos tipos de investigação-ação que utilizam processos diferentes no desenvolvimento de cada etapa, com a finalidade de obter resultados diferentes, os quais serão expostos de forma diversa para públicos específicos. A pesquisa-ação difere desses outros tipos de investigação-ação por utilizar técnicas de pesquisa consagradas, com a finalidade de descrever os efeitos das mudanças observadas na prática da investigação-ação. Técnicas como coleta de grupos, questionários, entrevistas que são instrumentos reconhecidos como pertencentes a pesquisa convencional, porém apropriados pela pesquisa-ação não no sentido de se levantar dados ou relatórios para serem arquivados, mas para elucidar a realidade, gerando conhecimento sobre a mesma, subsidiando as possíveis interpretações a respeito do ambiente pesquisado. É importante esclarecer a diferença entre a pesquisa convencional e a pesquisa-ação. Conforme Thiollent (1986):

Numa pesquisa convencional não há participação dos pesquisadores junto com os usuários ou pessoas da situação observada. Além disso, sempre há uma grande distância entre os resultados de uma pesquisa convencional e as possíveis decisões ou ações decorrentes. (p. 19)

Enquanto na pesquisa convencional o sujeito, alvo da pesquisa, por vezes pode ser entendido como um mero informante ou executor, onde a participação de pesquisadores com o público-alvo da pesquisa é nula, quase nula ou reduzida, na pesquisa-ação que parte do pressuposto de participação e de ação efetiva entre todos os envolvidos – pesquisadores e pessoas ou grupos objeto da pesquisa, esse quesito é central. Na pesquisa-ação “[...] é possível estudar dinamicamente os problemas, decisões, ações, negociações, conflitos e tomadas de consciência que ocorrem entre os agentes durante o processo de transformação da situação”. (THIOLLENT, 1986, p.19). Observa-se que a pesquisa-ação é, portanto, um procedimento reflexivo, sistemático, controlado e crítico, orientada para a resolução de problemas situacionais e específicos, movida sempre pelo desejo de mudança, de transformação, de melhoria de uma realidade educacional e/ou social.

### CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS DA PESQUISA-AÇÃO

Por ser uma pesquisa participativa, preocupada com a resolução de um problema coletivo, no qual pesquisadores e participantes da situação investigada estão envolvidos de modo a contribuírem com a transformação da realidade, a pesquisa-ação é muitas vezes entendida como uma metodologia restrita a grupos sociais pertencentes às classes sociais populares, vista como forma de engajamento sócio-político em prol das classes minoritárias. Porém, pode ser discutida em áreas de atuação técnico-organizativa, com objetivos e focos próprios do campo da pesquisa a que se aplica, que tem seus compromissos sociais e ideológicos definidos.

Portanto a pesquisa-ação atende a uma diversidade de propostas de pesquisa em vários campos de atuação social, seja dentro de uma organização, como por exemplo, empresa, instituições, escola, bem como em lugares abertos, bairro popular, comunidade e outros. Cabe ao pesquisador avaliar a viabilidade do tipo de intervenção pesquisa-ação no meio pretendido, detectando possíveis apoios e resistências, convergências e divergências, posições otimistas ou negativas, além da necessidade de recursos financeiros. A pesquisa-ação sendo uma estratégia metodológica tem como objetivos para o seu desenvolvimento, dentre outros:

- Conceder aos pesquisadores e os agentes alvo da pesquisa as condições de se tornarem capazes de buscar as soluções para seus problemas reais, realizando ações de transformação e de reflexão;
- Possibilitar a resolução de problemas de diferentes naturezas ou, pelo menos, em esclarecer os problemas da situação em estudo;
- Ampliar o conhecimento científico acerca de questões relacionadas à lócus da pesquisa;
- Proporcionar as pessoas e grupos participantes da pesquisa a ampliação do nível de consciência quanto a situação problemática detectada. (THIOLLENT, 1986, p. 8,16)

Thiolent (1986) também menciona que a pesquisa-ação se caracteriza no relacionamento de dois tipos de objetivos: o objetivo prático e o objetivo de conhecimento. O objetivo prático contribui na melhor forma de solucionar o problema central da pesquisa a partir do levantamento de soluções e possibilidades de ações que auxiliem os envolvidos na transformação da situação. O objetivo de conhecimento é a obtenção de informações, a ampliação do conhecimento, que de outra forma seria difícil de adquiri-lo, e que subsidiará a tomada de decisões e os processos de mudanças. É a compreensão de que a pesquisa é o campo fértil para a produção de conhecimentos que serão úteis, especialmente, para a coletividade envolvida na pesquisa local. Esses objetivos deixam claro que a pesquisa-ação não é constituída apenas de ação e/ou participação ativa de seus membros, mas que a produção de conhecimentos, também é necessária e enriquecedora, pois contribui para a discussão, reflexão e o caminhar do debate a respeito das questões que estão implicadas na situação em análise.

## EIXOS PROCEDIMENTAIS PREDOMINANTES

Em seu livro “Metodologia da Pesquisa-Ação”, Thiollent (1986) apresenta um roteiro, como ponto de partida para a organizar a realização de uma pesquisa social do tipo pesquisa-ação. Importante se ter a clareza que o roteiro proposto é flexível e que sua aplicação dependerá de cada situação vivenciada pelos pesquisadores e as pessoas participantes da pesquisa. O roteiro é composto pelos seguintes temas, os quais serão, rapidamente, expostos:

1. Fase exploratória;
2. O Tema da Pesquisa;
3. A colocação dos problemas;
4. O lugar da teoria;
5. Hipóteses;
6. Seminário;
7. Campo de observação, amostragem e representatividade;
8. Coleta de dados;
9. Aprendizagem;
10. Saber formal/Saber informal;
11. Plano de ação;
12. Divulgação Externa

A seguir, detalharemos os procedimentos adotados em cada etapa desse tipo de pesquisa.

### *Fase exploratória*

A fase exploratória é o momento de descoberta da pesquisa, dos interessados e suas expectativas, seria o período reservado para o diagnóstico da situação com o levantamento dos problemas prioritários e de possíveis ações. É o momento investigativo, no qual o objetivo é produzir conhecimento da realidade, ter uma compreensão da problemática dos grupos com os quais se irá trabalhar e ter a visão coletiva desses grupos quanto a percepção de sua própria realidade. Para isso busca-se conhecer as características da população objeto da pesquisa, sua expectativa, os problemas apresentados e outras observações que venham enriquecer e ampliar o conhecimento da situação, favorecendo um diagnóstico mais preciso. Importante também a compilação de todas as informações disponíveis sobre realidade a ser pesquisada, informações obtidas por meio de fotografias, mapas, dados e outros e o levantamento de pessoas que possam ser entrevistadas, contribuindo com informações sobre o tema a ser pesquisado. (BALDISSERA, 2001, p. 11/12)

A partir da experiência e competência dos pesquisadores com a pesquisa-ação, as tarefas entre a equipe de pesquisa poderão ser divididas, levando-se em consideração a habilidade de cada um. Sendo assim alguns se responsabilizarão pela pesquisa teórica, outros pela pesquisa de campo, outros ainda pelo planejamento de ações e assim sucessivamente. Contudo as tarefas e responsabilidades desenvolvidas por cada um serão socializadas no seminário, momento reservado para a exposição e discussão da pesquisa. Quando necessário deve-se, nesta fase inicial, realizar capacitação complementar da equipe participante da pesquisa.

Por ser uma pesquisa que tem como princípio a participação, o trabalho deve ser permeado pelo diálogo e a colaboração entre pesquisadores e pessoas ou grupos envolvidos na situação pesquisada, na busca da superação da relação de distanciamento existe, normalmente, entre aquele que tem o suporte teórico – o pesquisador e as pessoas que estão, diretamente, envolvidas na situação-problema, as quais podem contribuir com suas experiências, vivências e conhecimentos da realidade. A realização da fase exploratória, diagnóstica, deve subsidiar os pesquisadores e participantes na elaboração dos principais objetivos que correspondam aos problemas considerados prioritários, observados no processo de investigação, e que nortearão a pesquisa.

### *O tema da pesquisa*

O tema, segundo Thiollent (1986), é designação do problema prático e da área de conhecimento a serem abordados. A definição do tema servirá de chave para a identificação e seleção de áreas do conhecimento em ciências sociais e em outras disciplinas que possam apoiar e subsidiar a pesquisa.

Ao propor o tema deve-se estabelecê-lo de modo simples e apontar para os problemas e o enfoque que serão escolhidos. A escolha do tema precisa ser endossada por todos os participantes, pois não há possibilidade de participação numa pesquisa se esta estiver distante da realidade e preocupação dos integrantes.

Os pesquisadores, juntamente com as pessoas participantes da pesquisa, irão explicar a natureza e as dimensões dos problemas indicado pelo tema, pois estes devem ser definidos de modo bastante prático e claro, em razão de que a pesquisa será organizada e desenvolvida em torno da busca de soluções para os problemas apontados. Definido o tema e os problemas iniciais, há que se pensar num marco referencial mais amplo, de natureza teórica, que apoiará a realização da pesquisa, a qual não pode basear-se somente em dados e informações levantados no contato com a população objeto da pesquisa.

De acordo com o que precede, entre os diversos quadros teóricos disponíveis um marco específico é escolhido para nortear a pesquisa e, principalmente, atribuir relevância a certas categorias de dados a partir das quais serão esboçadas as interpretações e equacionadas as possíveis "soluções". (THIOLLENT, p. 52, 1986)

Nesta fase, a pesquisa bibliográfica é um recurso necessário e importante, além do apoio de vários especialistas relacionados ao assunto abordado e que podem contribuir com o projeto de pesquisa. É necessário compreender que a pesquisa-ação se dá no desenvolvimento da ação e da teoria, ou seja, o estudo teórico do problema em questão se processa, paralelamente, ao acompanhamento da ação. Neste sentido tem-se claro que a pesquisa não se limita apenas a aspectos práticos, mas a mediação teórico-conceitual deve permear todas as fases propostas para o desenvolvimento da pesquisa.

### *A colocação dos problemas*

Neste momento torna-se necessário dar a devida atenção quanto à colocação dos problemas que se pretende resolver dentro de um determinado campo teórico e prático, ou seja, definir a problemática que dá sentido ao tema escolhido. Para Barbier (2007, p.54):

A pesquisa-ação reconhece que o problema nasce, num contexto preciso, de um grupo em crise. O pesquisador não o provoca, mas constata-o, e seu papel consiste em ajudar a coletividade a determinar todos os detalhes mais cruciais ligados ao problema, por uma tomada de consciência dos atores do problema numa ação coletiva.

Para Barbier (2007), um grupo que se encontra em lutas contra inúmeras dificuldades apresentadas em seu cotidiano deve ser acolhido pelo pesquisador. E um de seus primeiros desafios como pesquisador será o de contribuir com o grupo no sentido de compreender seus problemas, contextualizando-os, fazendo perguntas precisas, tais como: o que, quem, onde, quando, como, por quê? chamadas por ele de perguntas habituais. Acrescenta também a importância da escuta sensível do vivido, sem a pretensão de, inicialmente, interpretar os fatos, nem ao menos, julgá-los. Na pesquisa-ação os problemas são colocados de modo prático, tendo-se a intenção de se procurar soluções para os mesmos, visando-se alcançar um objetivo ou a transformação da situação. Thiollent (1986, p.55-56) sugere uma forma de como os problemas podem ser colocados:

- a) análise e delimitação da situação inicial;
- b) delineamento da situação final, em função de critérios de desejabilidade e de factibilidade;
- c) identificação de todos os problemas a serem resolvidos para permitir a passagem de (a) a (b);
- d) planejamento das ações correspondentes;
- e) execução e avaliação das ações.

De acordo com a forma descrita, a passagem de uma situação inicial para uma situação final, ou seja, "o que é" e "o que deveria ser" requer dos envolvidos o planejamento de uma situação idealizada, em conformidade com os objetivos definidos e as propostas de soluções possíveis de serem realizadas que contribuam para a transformação desejada. A discussão e reflexão sobre a colocação do problema deve apontar para a relevância científica e social da pesquisa, sem a qual toda pesquisa-ação torna-se dispensável.

### *O lugar da teoria*

A pesquisa-ação por ser uma pesquisa de base empírica, muitas vezes, pode ser ter a ideia errônea que não há necessidade do aporte teórico, sendo suficiente apenas o “bom-senso” dos pesquisadores e a sabedoria popular dos membros da comunidade na tarefa de identificar problemas e propor soluções. Ao contrário, na pesquisa-ação deve se manter algumas condições e exigências próprias da pesquisa científica.

A nosso ver, um grande desafio metodológico consiste em fundamentar a inserção da pesquisa-ação dentro de uma perspectiva de investigação científica, concebida de modo aberto e na qual “ciência” não seja sinônimo de “positivismo”, “funcionalismo” ou de outros “rótulos”. (THIOLLENT, 1986 p. 20)

O desenvolvimento da pesquisa-ação necessita estar articulado a uma situação problemática apoiada por um quadro de referência teórica que corresponda aos diferentes setores: educação, saúde, moradia, comunicação e outros. Importante se ter a clareza de que a pesquisa-ação não é constituída apenas pela ação, pela prática ou pela participação, mas a ela cabe também o desafio de adquirir e/ou ampliar conhecimentos, subsidiando as discussões e reflexões realizadas nos seminários, trazendo luz as interpretações da realidade. Portanto, segundo Thiollent (1986, p.55), “[...] o papel da teoria consiste em gerar ideias, hipóteses ou diretrizes para orientar a pesquisa e as interpretações”.

Há uma alerta ao se tratar da discussão teórica no sentido de que a mesma, por sua complexidade, não desestime a participação dos integrantes da pesquisa. Portanto, os elementos teóricos precisam ser socializados em uma linguagem comum, ou seja, serem adaptados de forma que alcancem o nível de compreensão do grupo.

### *Hipóteses*

Há, nas ciências sociais de maneira ampla uma desilusão pela forma como a metodologia científica convencional, ainda que precisa e empírica, tem conseguido contribuir pouco para elucidação de fenômenos sociológicos, que diferente dos objetos de estudo de algumas áreas científicas, tem uma dinâmica e complexidade características e que não são devidamente abarcadas pelo Método Científico. (THIOLLENT, 1986 p. 74) Um dos aspectos segundo os quais a pesquisa-ação é duramente criticada por alguns acadêmicos é no tocante a formulação de hipóteses. Enquanto na metodologia tradicional as hipóteses são rigidamente fixadas levando em consideração parâmetros experimentais e de dados estatísticos, na pesquisa operacional, as hipóteses são construídas sem o preceito de dados experimentais, mas como suposições do próprio pesquisador, de inspiração observacional, e que se propõem a resolver um problema de pesquisa.

É evidente que devemos destacar que embora o uso de dados experimentais não seja estritamente necessário, não significa que as suposições seriam elaboradas sem apuro ou pelo simples capricho do pesquisador. As hipóteses devem ser antes de tudo muito bem claras, diretas e isentas de ambiguidades ou duplas interpretações, evitando dispersões de informações, mantendo uma imparcialidade própria ao amparar-se em uma argumentação consistente e concreta. As hipóteses não precisam se estabelecer em uma relação causal entre objetos e podem atuar em uma rede, interferindo uma na outra ou em uma polarização auto excludente, sendo consenso de que as hipóteses serão sempre verificadas na prática.

Por conta dessa plasticidade em sua forma, Thiollent (1986) irá destacar que seja no plano descritivo, de caracterização do fenômeno estudado, seja no plano normativo, que indica quais os objetivos e como a ação se desenrolará em aspectos estratégicos e táticos, as hipóteses são sempre modificáveis ou substituíveis no contexto da pesquisa. Da mesma forma, afetam diretamente a construção das hipóteses a problemática em estudo, o repertório cultural dos participantes e pesquisadores, bem como quaisquer insights inusitados ou analogias entre o problema em questão e outros problemas.

### *Seminários*

Muitas vezes o senso comum leva a crer que é simples reunir uma série de pessoas em prol de um objetivo comum, ignorando toda um conjunto de problemáticas e cuidados que devem ser levados em consideração para que o trabalho na pesquisa-ação seja eficiente. A etapa do seminário vem, nesse

sentido, trabalhar como mais do que uma reunião dos membros e pesquisadores para examinar, discutir e tomar decisões a cerca do processo de investigação, mas uma oportunidade de centralizar as informações em um canal de divulgação e interpretá-las em conjunto.

Thiollent (1986) destaca que para o bom funcionamento do seminário, algumas exigências e cuidados devem ser considerados. De acordo com as características do grupo que irá se responsabilizar pela pesquisa, é necessário promover uma forma apropriada de designação de membros em cargos de liderança e suas atribuições. O acesso e registro de informações não é apenas uma medida meramente operacional, mas uma garantida de segurança e transparência dos dados que estão sendo levados em consideração na pesquisa. Por fim, o real aprendizado das técnicas de trabalho de pesquisa-ação por parte dos pesquisadores e a devida preparação dos participantes.

### *Campo de observação, amostragem e representatividade*

Ao partir em campo para coleta de dados, é necessário antes planejar a forma como será delimitado o campo de observação empírica. Tal dimensionamento é feito ponderando o impacto da amostragem e representatividade qualitativa do objeto de estudo em questão. Porém, a utilização de amostras para observação de uma parte representativa do conjunto da população é controverso e Thiollent (1986) aponta três posições principais: Exclusão da pesquisa por amostras, a recomendação do uso de amostras e a valorização de critérios de representatividade qualitativa.

Na exclusão da pesquisa por amostras trata-se de populações de tamanho limitado, para as quais a equipe dispõe de uma carga de trabalho compatível com dimensão do trabalho que está para ser feito. Logo, é comum o uso de questionários ou discussões em grupo, e em alguns casos especiais, a presença de uma estrutura de dados já existente e funcional pode otimizar muito a aquisição de dados.

Na recomendação de uso de amostras, o conjunto da população é geralmente maior, extrapolando a capacidade de trabalho do grupo, mas é estatisticamente representativo. Logo, seu dimensionamento e análise pode se dar mediante técnicas estatísticas. Um risco apontado pelos especialistas nessa modalidade é o risco de ocorrência de conscientização entre indivíduos de uma amostra, o que originalmente pode distorcer a pesquisa, mas pode ser evitado fazendo a divulgação de informações para toda a população.

A posição de valorização de critérios de representatividade qualitativa consiste em selecionar amostras com indivíduos ou elementos escolhidos por representatividade social. Embora a ideia à primeira vista parece comprometer a pesquisa por infringir o princípio da aleatoriedade, as ciências sociais partem do pressuposto que os indivíduos ou elementos não são iguais entre si e nesse caso o princípio da intencionalidade é mais verossímil para apresentar a realidade. Qualquer eventual distorção pode ser corrigida por discussões no seminário entre os participantes. Justamente por realizar esse recorte na população, tal opção não permite conclusões generalizáveis à população.

### *Coleta de dados*

Para se coletar dados numa pesquisa-ação, vários recursos podem ser utilizados: entrevistas coletivas, entrevistas individuais, questionários, entre outros. Na pesquisa-ação, toda coleta de dados é efetuada por grupos de observação e pesquisadores, estes últimos, procuram a informação necessária para o andamento da pesquisa, cumprindo os seguintes passos: Coleta de informação, apresentação no seminário central, interpretação, discussão e análise coletiva do material. A coleta de dados trata da captação de informação já existente, fazendo uso de diversas técnicas existentes, ou seja, o pesquisador pode fazer uso da técnica documental – técnica de análise de conteúdo, observando arquivos, jornais, entre outros; pode também utilizar a técnica antropológica que tem como base a observação participante, diários de campo, história de vida e outros; ou utilizar as técnicas de grupo como o sociodrama, que nada mais é que a reprodução social do meio em que vivem os participantes. A escolha da técnica da pesquisa vai depender do que se pretende pesquisar.

Quando é necessário utilizar a entrevista ou questionário, Thiollent (1986), deixa evidente que se faz necessário escolher perguntas que remetam à clareza do problema. O formato das perguntas, cabe ao pesquisador escolher (perguntas abertas, fechadas, múltipla escolha entre outras), no entanto, há a necessidade de estar relacionada com o tema e com os problemas levantados inicialmente. É importante salientar que as respostas trarão informações importantes à pesquisa e cada questão será analisada e discutida nos seminários centrais. Outra consideração sobre os questionários trata-se da importância do respondente na coleta de dados. Ao fazer a entrega do questionário, é necessário

passar uma informação bem esclarecida, orientando o mesmo à fuga do senso comum, visto que este é um personagem ativo na investigação e que trará a reflexão daquilo que está sendo observado/pesquisado. A orientação dada pelo autor na hora da escolha entre o uso de questionário ou formulário, é, analisar o perfil do grupo, sendo assim:

Na pesquisa ação, nem sempre são aplicados questionários codificados, pois, quando a população é de pequena dimensão e sua estruturação em grupos permite a fácil realização de discussões, é possível obter informações principalmente de modo coletivo, sem administração de questionários individuais. No entanto, quando a população é ampla e o objetivo da descrição e da análise de informação é bem definido e detalhado, o questionário geralmente é indispensável." (THIOLLENT, 1986, p.65)

Em outras palavras, podemos dizer que, se o objetivo está bem definido e temos uma ampla população, o questionário tende a ser o melhor recurso. Se estamos tratando de um problema no qual a população é de pequena dimensão, devemos estruturar os grupos e discutir as informações coletivamente. Thiollent (1986) diz que para que haja uma ampla discussão dos questionários, ou seja, os mesmos precisam ser testados e aprimorados antes de serem distribuídos para melhorar a formulação e evitar ambiguidades.

### *Aprendizagem*

A aprendizagem permeia todo o processo pois está amplamente vinculada ao processo de investigação. Ela é enriquecida em função da ação em torno da investigação. Além disso, contempla toda a contribuição dos pesquisadores que farão suas interpretações nos grupos de estudos e seminários.

### *Saber formal/ Saber informal*

Quando se fala em saber formal e informal, temos que ter a clareza dos universos culturais distintos com os quais estamos trabalhando. Trata-se de entender o que dizem os participantes e os especialistas. Os especialistas carregam em si o saber formal, porém este saber é incompleto, pois trata-se de um saber que não se aplica satisfatoriamente a todas as situações; já os participantes, tem a experiência concreta e são conhecedores do meio.

Para que as duas visões sejam contempladas na pesquisa, o autor sugere a técnica de comparação de temáticas, que nada mais é do que confrontar a visão do especialista e a do participante comum. Os participantes comuns contribuem com o conhecimento buscando explicações e agindo em busca de soluções. Os especialistas, por sua vez, estabelecem sua própria temática relativa ao problema fazendo a indicação de sua ponderação. A comparação das temáticas permite aos pesquisadores constatar tanto as divergências quanto as convergências entre os universos formal/informal.

O uso da técnica de comparação não resolve o problema da relação entre o saber formal e saber informal. É apenas um ponto de partida que consiste em 'mapear' os dois universos de representação e em buscar meios de intercompreensão. (THIOLLENT, 1986 p. 69)

Mapear os universos em questão se faz essencial para a produção do conhecimento dentro da pesquisa-ação.

### *Plano de ação*

Para corresponder ao conjunto dos seus objetivos, a pesquisa-ação deve se concretizar em alguma forma de ação planejada, objeto de análise, deliberação e avaliação (THIOLLENT, 1986, p. 69).

Partindo do ponto de vista citado pelo autor, a formulação de um plano de ação se constitui uma exigência fundamental, na qual participantes e pesquisadores promoverão uma ação. Sobre a elaboração do plano de ação Thiollent (1986) diz que:

A elaboração do plano de ação consiste em definir com precisão:

- a) Quem são os atores ou as unidades de intervenção?
- b) Como se relacionam os atores e as instituições: convergência, atritos, conflito aberto?
- c) Quem toma as decisões?
- d) Quais são os objetivos (ou metas tangíveis) da ação e os critérios de sua avaliação?
- e) Como dar continuidade à ação, apesar das dificuldades.
- f) Como assegurar a participação da população e incorporar suas sugestões?
- g) Como controlar o conjunto do processo avaliativo? (p. 69-70).

No plano de ação o pesquisador desempenha um papel auxiliar, de assessoramento da pesquisa. Porém, em todo momento, participará da ação/avaliação que o autor denomina como “deliberação”, ou seja, os problemas serão colocados, haverá um momento para a interpretação e definição de diretrizes da ação. Essa ação, amadurecida durante o seminário central, partindo então para o consenso dos resultados, lembrando que o consenso nem sempre é possível.

### *Divulgação de resultados*

A divulgação externa trata-se do retorno da informação dos resultados aos envolvidos e aos setores interessados. É muito importante salientar que essa divulgação seja compatível ao nível de compreensão dos destinatários e também deve ser um espaço aberto para sugestões. Thiollent (1986, p.71) afirma que:

O retorno é importante para estender o conhecimento e fortalecer a convicção e não deve ser visto como simples efeito de propaganda. Trata-se de fazer conhecer os resultados de uma pesquisa que, por sua vez, poderá gerar reações e contribuir para a dinâmica da tomada de consciência e, eventualmente, sugerir o início de mais um ciclo de ação ou de investigação.

Dessa forma, a divulgação externa mostra os resultados de uma pesquisa. Estes resultados podem ser ou não o início de mais um ciclo de investigação. Assim sendo, o retorno visa promover a visão de conjunto para a tomada de consciência de todos os envolvidos. Um ponto sempre importante a ressaltar em qualquer tipo de pesquisa, trata-se dos princípios éticos que permeiam todo o trabalho do pesquisador. Tripp (2005), diz que a ética deve ser incorporada a qualquer projeto de pesquisa-ação. Trata-se de uma conversa franca e aberta com os participantes de forma que nenhuma atividade seja desenvolvida/divulgada sem o consentimento dos envolvidos.

Lima (2015) relata que a ética é uma questão de essência, ou seja, desde sempre somos determinados por um modelo de ética que emana de uma forma natural, no entanto vai sendo superada a partir do envolvimento prático, ou seja, parafraseando Severino (2005) “é na e pela prática que as coisas humanas efetivamente acontecem, que a história se faz”.

Outra questão está no movimento, é como se a ética determinasse a educação. Penso que ambas se influenciam mutuamente. É válido observar que tanto a ética quanto a educação são construções do homem. Portanto, são transformadas a partir do movimento e da ação humana. A ética e a educação são construções históricas e, como tal, não existe uma ética perfeita, pois a ética está sempre em processo construtivo. Em movimento, em transformação. A modernidade bateu à nossa porta e declarou que somos imperfeitos. (LIMA, 2015, p.10)

Nesse sentido, a aceitação da imperfeição e do ser em constante transformação, assumimos que somos educados para atingir aquilo que é convencional, ou seja, estamos sempre em construção. Se precisamos construir algo coletivo, essa ética deve ser pensada nesse sentido democrático, que satisfaça as necessidades humanas de todo o coletivo. A discussão da ética na pesquisa, visa tratar cada singularidade e principalmente garantir ao pesquisador que tenha segurança ao realizar a divulgação de dados, por exemplo. Dessa forma, além de evitar que o pesquisador sofra represálias precisamos criar meios de viabilizar que as pesquisas, principalmente em educação, sejam socializadas no meio em que foram coletadas. Somente assim, com o objeto de pesquisa sendo valorizado e respeitado, é que a ética permeará de fato as divulgações de pesquisa. Quando se pensa na natureza de um projeto de pesquisa-ação, Tripp (2005) considera importante empregar as seguintes modalidades:

- 1- Pesquisa-ação técnica: A pesquisa ação técnica constitui uma abordagem pontual na qual o pesquisador toma uma prática existente de algum outro lugar e a implementa em sua própria esfera de prática para realizar uma melhora [...]
- 2 – Pesquisa ação prática: A pesquisa ação-prática é diferente da técnica pelo fato de que o pesquisador escolhe ou projeta as mudanças feitas [...]
- 3 – Pesquisa ação política: Refere-se à mudança da cultura institucional e/ou suas limitações [...] é preciso engajar-se na política, porque isso significa trabalhar com ou contra os outros para mudar o sistema [...]
- 4 – Pesquisa-ação socialmente crítica: Um a modalidade particular de pesquisa-ação política e ambas se sobrepõe porque, quando se trabalha para mudar ou para contornar as limitações àquilo que você pode fazer, isso comumente é resultado de uma mudança em seu modo de pensar a respeito do valor último e da política das limitações [...]
- 5 – Pesquisa-ação emancipatória: Essa é uma outra variação da pesquisa-ação política, que tem como meta explícita mudar o status quo não só para si mesmo e para seus companheiros mais próximos, mas de mudá-lo numa escala mais ampla, do grupo social como um todo. (TRIPP, 2005, p. 457-458)

Tripp (2005), diz que as diferenças expostas são características de diferentes modalidades de fazer pesquisa-ação, cabe ao pesquisador definir e escolher a forma de operar com elas, garantindo assim um bom processo de monitoramento de resultados e aprimoramento.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Pesquisa-ação é uma estratégia de intervenção social, que oportuniza aos envolvidos discutirem, refletirem sobre seus próprios problemas em busca de soluções possíveis. Esta metodologia contribui no sentido de permitir, aos pesquisadores e os sujeitos envolvidos na pesquisa, interagirem e interferirem no seu próprio ambiente, sem, contudo, separar a pesquisa da ação pensada para a solução do problema, instrumentalizando-os para serem capazes de, partindo da situação-problema, mobilizarem conhecimentos e experiências – teoria e prática – na busca da transformação da realidade.

Contribui também para ampliar o conhecimento dos pesquisadores, bem como o nível de consciência dos participantes, ajudando-os a avançarem, tornando-os autônomos, capazes de pensar e decidir sobre suas realidades, por meio do trabalho coletivo e participativo. Sendo a pesquisa-ação uma estratégia metodológica de pesquisa social, que considera a relevância dos conhecimentos científicos, exige-se que o pesquisador observe, detalhadamente, as etapas previstas e propostas para a organização e o desenvolvimento da pesquisa, garantindo-se, desta forma, a rigorosidade necessária à manutenção da pesquisa-ação no âmbito das ciências sociais.

### REFERÊNCIAS

- BALDISSERA, A. Pesquisa-ação: uma metodologia do “conhecer” e do “agir” coletivo. *Revista Sociedade em Debate*, Pelotas, 7(2):5-25, Agosto/2001. Disponível em: <http://revistas.ucpel.edu.br/index.php/rsd/article/viewFile/570/510>. Acesso em 30 jun. 2018.
- BARBIER, R. *A pesquisa-ação*. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.
- FRANCO, M. A. S. Pedagogia da pesquisa-ação. *Educ. Pesqui.* [online]. 2005, vol.31, n.3, p.483-502. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a11v31n3.pdf>. Acesso em 30 jun. 2018.
- LIMA, A. B. Ética em pesquisa: implicações para a educação superior. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, v. 11, p. 516-526, 2016. Disponível em: <http://www.criticaeducativa.ufscar.br/index.php/criticaeducativa/article/download/21/168>. Acesso em 30 jun. 2018.
- LIMA, M. A. C., MARTINS, P. L. O. Pesquisa-ação: Possibilidade para a prática problematizadora com o ensino. *Revista Diálogo Educacional* [online] 2006, 6 (Setembro-Dezembro). Disponível em: <http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/dialogo?dd1=236&dd99=view&dd98=pb>. Acesso em 30 jun. 2018.

THIOLLENT, M. *Metodologia da Pesquisa-Ação*. São Paulo: Cortez, 1986.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. In: *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf>. Acesso em 30 jun. 2018.

Recebido em: 10.02.2018

Aprovado em 10.04.2018

